

ARTE, CULTURA E IDENTIDADE - ANÁLISE ETNOSSEMIÓTICA DE TRAÇOS DA PINTURA KADIWÉU

Elza Sabino da Silva Bueno¹
Rosângela Villa da Silva²

Resumo: Remanescentes dos Guaikuru e conhecidos como cavaleiros, os Kadiwéu possuem ideais de beleza e valores estéticos compreendidos por meio de sua cultura e dos traços de sua arte, diferenciados de acordo com o status social, pois aplicada no corpo, a pintura tem função social, mágico-religiosa e estética. Este estudo usa a semiótica greimasiana como ferramenta para apreender a ideologia que permeia a arte cultural desse povo e analisa, em uma perspectiva etnossemiótica, os traços da arte Kadiwéu com vistas a contribuir com a divulgação e valorização da cultura desse povo e da sua arte em forma de desenhos geométricos de grande beleza e equilíbrio, não só no corpo e na face, mas em artesanatos. Considerando que as relações histórico-culturais entre índios e não índios são conflituosas, analisar a questão identitária dos povos kadiwéu em relação à sua própria cultura pode revelar algo a respeito dos próprios e também dos não índios (SANTOS, 2008).

Palavras-chave: Etnossemiótica, Kadiwéu, Pintura, Arte

Introdução

“O propósito da educação é substituir uma mente vazia por uma aberta”.
Malcom Forbes (1919-1990).

É quase impossível visitar, viver e circular pelas ruas das cidades Sul-mato-grossenses sem notar a presença marcante dos povos indígenas nos diferentes contextos histórico, linguístico e cultural. Essa influência indígena está na língua local, em que é possível ouvir, em um mesmo ambiente, uma mescla de línguas das diferentes etnias existentes na região; está no significado poético dos topônimos de cidades, rios, animais, serras e vales (DINIZ, 1998). O índio está na rua, nos bares, nos botequins, na culinária, nas ervas medicinais, uma vez que dominam a arte e a sabedoria de utilizar plantas e ervas fitoterápicas nas práticas e curas dos mais variados males; está nas rezas e nos benzimentos de seus curandeiros. Está nos noticiários jornalísticos. Está também no universo acadêmico, frequentando os bancos universitários como qualquer outro cidadão, uma vez que segundo Barzotto (2009, p.310) “a problemática que fomenta a construção identitária de um sujeito passa, necessariamente, pelo crivo ideológico da comunidade a qual pertence”.

1 Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Campo Grande, Coordenadora do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS da UEMS/Dourados-MS, e Professora dos cursos de Graduação em Letras da UEMS/Dourados, E-mail: elza@uems.br

2 Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS/Campo Grande, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Fronteiriços da UFMS/Campus do Pantanal e da Graduação em Letras da UFMS/Corumbá-MS, com Estágio de Pós doutoramento pela Universidade de Coimbra/Portugal, E-mail: rosangela.villa@ufms.br

Diante de tanta diversidade linguístico-cultural, observa-se nas últimas décadas um aumento de pesquisas a respeito das relações das comunidades tradicionais, dos recursos naturais e biológicos, das artes e da cultura do povo nativo. Essas pesquisas têm contribuído para a recuperação de saberes tradicionais, práticas e autoconhecimento sociolinguístico e cultural dessas populações nativas, Bueno e Barbosa (2014). Vale ressaltar que pesquisas nessa direção procuram entender como plantas e ervas fitoterápicas são utilizadas por essas comunidades na cura de diferentes males, e como os aspectos culturais e artísticos estão presentes tanto no meio indígena, como no não indígena, por meio das artes e da pintura Kadiwéu, por exemplo, em que é possível reconhecer a simetria nos traços culturais da arte desse povo que detém o conhecimento tradicional e milenar de pintar o corpo para participar dos diferentes rituais de sua arte e cultura.

Diante desse cenário de multiculturalidade, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, localizada num contexto sócio-geográfico com um contingente bastante significativo de indígenas, recebe alunos de diferentes etnias: Terena, Guarani, Kayowá, Kadiwéu, o que nos motivou a realizar o presente estudo, tendo em vista que, ao analisar a nossa trajetória e formação acadêmica, percebemos que não sabemos ou lemos, substancialmente, quase nada sobre os povos indígenas, sua língua, sua cultura e sua arte, ou seja, sobre o seu *modus vivendi*. Registra-se que apenas conhecíamos a figura estereotipada do índio dos livros didáticos e o herói romântico expresso nas obras literárias de José de Alencar, em que “Iracema”, romance indianista do escritor supracitado, narra a história da índia Iracema que se apaixonou pelo europeu, Martim Soares Moreno, personagem histórico real, onde é visível a mistura de aspectos mitológicos da cultura indígena com a colonização do Brasil. Fato que dá à obra uma dimensão mítica, de lenda, porém, sempre apoiada em um argumento histórico.

Alguns estudiosos das obras indianistas de Alencar acreditam que o primeiro brasileiro, realmente nativo, aparece na figura de Moacir, filho da união da índia Iracema com Martim, o elemento colonizador. E defendem que a formação da identidade nacional é simbolizada nesse encontro, quando mito e história se complementam na obra, em que Iracema vai sendo esmaecida pelo fator histórico, que é a chegada dos portugueses e a ocupação das terras indígenas brasileiras. É uma representação do que houve com a população indígena, que foi dizimada ou sofreu aculturação para atender às necessidades do colonizador.

Assim, quando Iracema se entrega a Martim, ela rompe os laços sagrados com a sua tribo e sai da esfera mítica para entrar na esfera da história e, neste momento histórico, Alencar mostra a dura realidade do povo indígena e do combate civilizatório que se travou.

No que diz respeito à identidade nacional, a heroína é idealizada como representante da natureza brasileira e símbolo da perfeição. Martim é o colonizador que desperta curiosidade e fascínio, traz o amor e a desgraça para Iracema, pois representa a destruição para as tribos indígenas.

Diante do exposto, é possível verificar que a cultura indígena nunca recebeu a devida atenção no debate das questões relativas à formação da sociedade brasileira, quase tudo que é oferecido de informação sobre os índios está marcado por preconceito, estereótipo e desprezo a sua cultura, a sua arte e a sua medicina natural. É necessário fazer o indígena sair do plano histórico e colocá-lo em evidência para que mostre sua realidade, sua cultura e a arte, e para que possa promover uma convivência harmônica e pacífica entre índios e não índios.

Para que isso ocorra faz-se necessário conhecer o universo das sociedades indígenas tradicionais. É necessário que a sociedade reconheça a diversidade étnica nativa do Brasil como um fator positivo e que trouxe contribuições para a história e para a formação da nossa cultura e da nossa língua portuguesa. Historicamente, comprova-se que o português falado no Brasil é uma mescla das diferentes línguas indígenas existentes no país, das africanas, trazidas pelos africanos no período escravocrata e das muitas línguas europeias, trazidas pelos imigrantes europeus, durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais.

Nesta pesquisa, em particular, optamos por conhecer a cultura, os valores e a visão de mundo do povo Kadiwéu, que vive em uma extensa reserva localizada no município de Porto Murtinho-MS, local de difícil acesso, e que, apesar do contato permanente com os não índios, mantêm suas raízes culturais por meio de sua arte e da pintura corporal e facial, também expressas em vasos de cerâmicas e em artesanatos e utensílios domésticos.

Analisa-se numa perspectiva etnossemiótica (GREIMAS e COURTÉS, 2008/2002), traços característicos da arte e das pinturas corpóreas Kadiwéu, pois para o indígena o corpo é como se fosse o papel, é a comunicação de seus *ethos*, é por meio do corpo que os povos indígenas transmitem seus conhecimentos e aprendizados, expandidos, posteriormente, para os seus artefatos. É no corpo que estão as marcas de seus mentefatos, que está a arte e a cultura levadas, tecnicamente, para os objetos, Scanduzzi, 2008.

O presente estudo analisa a pintura corporal e facial dos índios kadiwéu, do ponto de vista linguístico-etnossemiótica. Com isso, procura descrever e explicar o uso de traços simétricos em forma de desenhos geométricos na arte e na cultura desse povo indígena para verificar se correspondem aos traços que identificam a sua cultura e a sua arte. Do ponto de vista da linguagem, os aspectos dos traços da arte/pintura Kadiwéu se assemelham, se identificam e se distinguem nas marcas geométricas usadas para expressar a arte.

Ao analisar as imagens que compõem o *corpus* da pesquisa, procuramos falar da pintura corporal dessa etnia indígena e da sua importância para a arte e cultura do povo kadiwéu, nomeadamente para estes do Mato Grosso do Sul. Assim, é possível inferir que a pintura corporal e facial dos índios kadiwéu têm características semelhantes aos traços que identificam a sua cultura, o que pode ser verificado por meio das cores (vermelho/preto/branco) e dos traçados de identificação, dos costumes, mitos, arte e cultura, ou seja, na sua forma particular de entender o mundo em que vive.

Com relação aos tons vermelho, preto, branco e “amarelo”, presentes nos desenhos da arte kadiwéu, a arte e a cultura das tribos africanas também têm representatividades nessas cores fortes, como podemos conferir na figura 4.

Aporte teórico-metodológico utilizado no desenvolvimento da pesquisa

Cada povo tem seus conhecimentos, suas habilidades e características que os definem como bons agricultores, hábeis cavaleiros, habilidosos canoieiros, temíveis guerreiros, dentre outros atributos; têm suas crenças, suas lendas, sua forma particular de entender o mundo ao seu entorno, seus mitos, seus costumes, sua arte e também sua cultura, por meio da qual expressam todas as formas de manifestações de língua e de literatura.

As sociedades arcaicas de tendência agrícola associaram a origem dos povos a entidades femininas, em referência direta a terra, mãe suprema de todas as coisas, capaz de geminar a semente e produzir o fantástico espetáculo da vida, Diniz (1998). Outras criaram divindades relacionadas à fertilidade, à colheita, às estações do ano, em que tal relação está, diretamente, ligada à garantia da sobrevivência, Coulanges (2007).

As antigas civilizações legaram à humanidade um leque de crenças, lendas, mitos, ensinamentos místicos, deuses, heróis e fabulosas narrativas que expressam a sua arte, sua cultura e seus costumes. Os celtas, por exemplo, deificavam as manifestações culturais. Os gregos cultivaram as artes, a filosofia e as ciências da alma humana. Mas o nosso principal foco de interesse são os povos indígenas, especialmente, o povo Kadiwéu cujos traçados da pintura corporal e facial indicam mensagens de cunho religioso, além de fazerem referência aos ritos da fertilidade e da natureza em que veem a terra como a mãe suprema de todos os povos indígenas, Scandiuzzi (2008, p. 24). Daí a habilidade desses povos com o meio ambiente sustentável, com a preservação da natureza, da fauna e da flora, haja vista a habilidade que têm de habitar o meio ambiente sem degradá-lo, caçar e pescar apenas o necessário para alimentar suas famílias, sem nunca desprover o habitat dos bens mais valiosos como a água, a caça, a pesca, os alimentos naturais, entre outros.

Diante disso, destaca-se uma crença entre os não índios de que os indígenas são vistos como preguiçosos por não cultivarem suas terras em grande escala de produção comercial, todavia, os povos indígenas não têm por metas e objetivos cultivar a terra “mãe suprema” para comercializar seus produtos, mas produzir apenas o necessário para a sobrevivência de suas famílias, etnias e tribos, cultivam a chamada agricultura de subsistência.

Para esse povo, a terra é a sua própria essência, é como se ela fosse uma extensão de seu próprio ser, ele não se concebe enquanto ser no mundo sem a terra. A terra vem a ser o espaço mítico, o ideal a ser alcançado, Espíndola (2002, p.22), é mãe e senhora de todas as coisas. Assim, os kadiwéu exaltam a natureza nos seus rituais e benzimentos, expressam o seu ideal guerreiro, o que os diferencia de outros povos indígenas, por meio de sua arte decorativa – “tatuagem não definitiva”- que desempenha importante papel na sua cultura. Além de seu valor artístico e estético, esse tipo de pintura expresso em objetos, artesanatos, vasos de cerâmica e na pintura facial, goza de prestígio entre o povo Kadiwéu, Diniz (1998).

Esses desenhos apresentam uma composição rica, de expressiva visualidade gráfica e pictórica, além do estilo geométrico-formal simétrico. Esse estilo de pintura corporal surpreendeu e os europeus e é admirada e enaltecida pelos cronistas, viajantes e etnólogos que os conheceram, Boggiani (1975). E também nos surpreendeu e maravilhou, quando tivemos o prazer de conhecer as terras indígenas Kadiwéu localizadas no município de Porto Murtinho – MS (cf. figura 1), no momento de coletar e registrar o material da arte corpórea kadiwéu, nas diferentes etapas da confecção dos traçados da pintura corporal e facial desse povo milenar.



Figura 1 - www.portalbonito.com.br/cultura/tribos-indigenas/kadiweus-localizacao das terras kadiwéu

A pesquisa de campo foi realizada de forma a registrar os traços característicos da cultura kadiwéu, para posterior análise desses traçados, pois tomando como *corpus* as pinturas e utilizando a interpretação hipotético-dedutiva do instrumento semiótico, o estudo analisou tais traços, no sentido de mostrar seus significados e sua importância, uma vez que a teoria

semiótica parte do sentido manifesto no texto, em nosso caso nas pinturas, reconstruindo-o e explorando-lhe o sentido, em seus diferentes níveis, para descrever sua significação, Santana Jr (2001, p. 123). E, segundo Oliveira (2008), na formação de uma língua é preciso considerar a influência exercida pelo ambiente através de experiências sociais. Este contato entre língua, sociedade e cultura, com certeza, determina a linguagem, como reflexo da realidade e, sobretudo, como força geradora da imagem de mundo onde o indivíduo habita.

Podemos considerar como princípio o fato de que um vocábulo é aceito como elemento da língua, a partir do momento em que ele passa a exprimir os valores sociais do grupo e satisfazer suas reais necessidades de comunicação e divulgação da cultura e da arte e de todas as manifestações de conhecimentos e saberes. É assim que enxergamos a arte e a cultura kadiwéu como o elemento identitário desse povo guerreiro.

Partindo do princípio de que a UEMS recebe todos os anos, alunos, nos seus diferentes cursos de graduação e pós-graduação, de etnias indígenas distintas, pensamos em promover o potencial desses alunos para nos auxiliar na divulgação de sua arte, língua e cultura, além do apoio na composição do material (fotografias, exemplares de artesanato e outras obras, além de conversas informais) para a execução da pesquisa sobre os traços e a simetria da pintura e da arte do povo kadiwéu.

Com relação ao material de apoio para leitura e consulta sobre a cultura e a arte indígenas, as pesquisadoras adquiriram livros e dicionários de arte, simbologia e de semiótica, também receberam doação de material, tais como livros, fotocópias de documentos e de imagens e fotografias, das Profas. Alzira Facco e Beatriz Landa. Este estudo contou, ainda, com o acervo sobre o assunto, existente na Biblioteca da UEMS, da UFGD e da UFMS, além de recebe o apoio expresso na experiência de colegas pesquisadores da UEMS e das outras instituições citadas, que contribuíram para o desenvolvimento das atividades de pesquisa relacionadas à língua e à cultura do povo kadiwéu.

Discussões decorrentes das fontes teóricas e do *corpus* da pesquisa

As figuras a seguir mostram as atividades e as análises desenvolvidas neste estudo sobre a língua e a cultura do povo kadiwéu, com vistas a identificar os traços que as caracterizam e a sua importância na identificação de costumes, mitos e da arte indígena.



Figura 2 – acervo de Lévi-Strauss (2007)

Os Kadiwéu são descendentes dos Guikuru, conhecidos como "índios cavaleiros", sobrevivente dos Mbayá, tiveram participação importante ao lado dos brasileiros na Guerra do Paraguai, os índios Kadiwéu guardam a lembrança de um passado glorioso, em que eram organizados numa sociedade de nobres e cativos. A princípio eram nômades, mas quando se instalavam, em um determinado lugar, viviam do tributo a seus vizinhos, dos quais faziam depender sua própria reprodução biológica, uma vez que suas mulheres não geravam filhos ou permitiam a sobrevivência de apenas um, quando já estavam no final de seu período fértil. Estas mulheres dedicavam-se à arte e à pintura corporal e facial, cuja especial disposição dos elementos geométricos o antropólogo Lévi-Strauss (2007) considerou como característica das sociedades hierárquicas. Ainda segundo o autor (*op. cit*), os desenhos impressionam pela riqueza de suas formas, de seus traçados característicos, detalhes e cores fortes, predominantemente preto, vermelho e branco. Vale ressaltar que tais cores também são características das artes das sociedades grupais africanas (cf. figura 5).

Tamanha é a importância da cultura do povo kadiwéu, que os mesmos foram objeto de estudos de Darcy Ribeiro (1980), um dos maiores antropólogos brasileiros, de Claude Lévi-Strauss (2007) e Guido Boggiani (1975), dois outros antropólogos internacionais que pesquisaram a arte, cultura e costumes de diferentes etnias indígenas.

Observa-se que é marcante a pintura corporal, nas costas, braços e pernas do cavaleiro que se equilibra no lombo do cavalo com uma flecha na mão, como se estivesse pronto para guerrear. (cf. figura 2).

Lévi-Strauss (2007) destaca que quando eram capturados, em guerra, preferencialmente as crianças e as mulheres, eram incluídas na categoria dos "cativos", ou *gootagi* (nossos cativos), no dizer Kadiwéu. Os Guaikurú-Mbayá, grandes captores dos Kadiwéu, fizeram cativos diversos outros povos indígenas, sobretudo os Xamakôko, habitantes de território paraguaio. Muitos brancos também foram feitos cativos por essa

sociedade indígena milenar, portugueses ou espanhóis, brasileiros ou paraguaios, conforme registro da crônica, história e da memória Kadiwéu.

Os Mbayá mantiveram ainda uma outra qualidade de relação, aquela que estabeleceram com os Terena (um subgrupo dos então chamados Guaná ou Txané), sociedade dividida em estratos, que consentiam casamentos entre seus nobres e as mulheres de alta estirpe Terena. Dessa união adquiriam o direito sobre as prestações de serviço, sobretudo produtos agrícolas, advindos da produção dos índios Terena, tidos como índios trabalhadores e estudiosos. Essa afirmação se constata na destacada presença de indígenas dessa etnia nos bancos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul, sobre as demais registradas no estado. Isso ocorre tanto em cursos de graduação como nos cursos de pós-graduação.

Na trajetória heróica dos Kadiwéu no estado, registra-se sua participação na Guerra do Paraguai, quando escolheram lutar pelo Brasil, razão pela qual tiveram suas terras reconhecidas pelo estado. Embora até hoje não estejam inteiramente garantidas, haja vista os conflitos eternos entre índios e não índios pela posse de terras. Lembrando que as concepções de terra são muito distintas para índios e não índios (brancos). Os índios a veem como a mãe terra, a mãe suprema que precisa ser protegida. Diferentemente dos não índios que, na maioria das vezes, a veem como um negócio, uma transação comercial em que a produção agrícola é realizada em grande escala comercial.

Vejamos os traços/desenhos geométricos da pintura kadiwéu, nas figuras 3 e 4, em que Strauss ressalta funções sociais, mágico-religiosas e estéticas.



Figura 3 – acervo de Lévi-Strauss (2007) Figura 4 – www.portalsaofrancisco.com.br traços da pintura kadiwéu

Na figura 3, é possível observar os finos desenhos corporais realizados pelos Kadiwéu que constituem uma forma de expressão de sua arte e cultura. Os Kadiwéu estampam as faces com desenhos minuciosos e simétricos, traçados com tintas obtidas da mistura de suco de jenipapo e pó de carvão, aplicadas com uma fina lasca de madeira ou taquara. No passado, a

pintura corporal marcava as diferenças entre as classes sociais. As pinturas que ornamentavam as fases e os corpos dos nobres, dos guerreiros e dos cativos tinham traços bastante distintos, uma vez que tais traços refletiam o *status* social daquele indivíduo, como podemos visualizar por meio das figuras 3 e 4. A primeira traz traços mais finos, enquanto na segunda estes são mais rústicos o que caracteriza o *status* social da jovem indígena.

As mulheres Kadiwéu produzem belas peças de cerâmica, vasos de diversos tamanhos e formatos, pratos, animais, enfeites de parede. Decoram essas peças com padrões que lhes são distintos e seguem um repertório rico de formas preenchidas com variadas cores (cf. figura 5). A matéria prima desses trabalhos é encontrada em barro de consistência e tonalidade ideais para a durabilidade da cerâmica.

As cores mais usadas pelos índios para pintar seus corpos são o vermelho vivo do urucum, o negro esverdeado da tintura do suco do jenipapo e o branco da tabatinga. A escolha dessas cores é importante, porque o gosto pela pintura corporal está associado ao esforço de transmitir ao corpo a alegria contida nas cores vivas e intensas existentes na natureza.

Lévi-Strauss (2007) ressalta que, de todas as etnias indígenas brasileiras, são os índios Kadiwéu que apresentam uma das pinturas corporais mais bem elaborada, criativa e bonita. Ainda, de acordo com o autor (*op. cit.*) os primeiros registros dessa pintura e arte indígena datam de 1560. Nesse contato, impressionaram, fortemente, os colonizadores e os viajantes europeus com suas cores e traçados característicos, em que é possível identificar o *status* social do indivíduo dentro da hierarquia da tribo. Essa caracterização era marcada pela disposição dos traços dos desenhos geométricos da pintura facial e corporal dessa etnia.

Lévi-Strauss (2007) destaca que as pinturas do rosto conferem ao indivíduo dignidade de ser humano, com vistas a operar a passagem da natureza à cultura, do animal ao homem civilizado. Essas pinturas apresentam-se diferentes quanto ao estilo e à composição das castas ao expressar a hierarquia dentro de uma sociedade complexa, como é a sociedade Kadiwéu.

Com relação aos tons vermelho, preto, branco e “amarelo”, a arte e a cultura das tribos africanas, assim como a arte e a cultura Kadiwéu, também têm representatividades nessas cores fortes, como podemos verificar na figura 5, a seguir.



Figura 5 – artefatos da cultura africana – disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte_da_%C3%81Africa.

A arte africana representa os usos e costumes das tribos em artefatos que expressam as sensibilidades culturais desse povo. Nas pinturas e nas esculturas a presença da figura humana identifica a preocupação com valores étnicos, morais e religiosos. As máscaras, confeccionadas em barro, marfim, metais e madeira são utilizadas em rituais fúnebres e representam um disfarce para a incorporação dos espíritos e para a possibilidade de adquirir forças mágicas a serem utilizadas em rituais específicos.

Para estabelecer a purificação e a ligação com a entidade sagrada, as máscaras são modeladas em segredo na selva e trazidas para o seio da comunidade.

Assim como arte e a cultura kadiwéu, a arte e a cultura africana também se utiliza das cores vermelho, preto e branco, com simbologia marcante, em que o branco simboliza a cor de passagem da morte ao renascimento, isto é, a mutação de um ser. É igualmente a cor de Deus, ligada aos ancestrais, e representa a luminosidade, a inocência, a pureza e a retidão.

O preto é uma cor negativa, representa a morte, o mal, a feitiçaria e o antissocial. O vermelho é o símbolo ambivalente, representa sangue, fogo, sol e calor, além da reintegração de um ser marginal, a fecundidade e o poder. O vermelho mais escuro representa as forças agressivas e o sangue impuro.

O amarelo, por sua vez, representa a paz, a serenidade, a fortuna, a fertilidade, a eternidade, mas também o declínio, o anúncio da morte, Benelli (2002). A composição de cores em atesanato Kadiwéu pode ser observada na Figura 6, a seguir.



Figura 6 – O artesanato indígena Kadiwéu-<http://www.pmcg.ms.gov.br/sedesc/canaisTexto>

Ao observar os traçados nas pinturas da cerâmica do povo kadiwéu, é possível visualizar a complexidade da arte gráfica dos indígenas kadiwéu, como se fosse um reflexo de sua complexa estrutura social, seus sonhos e angústias. Boggiani (1975) ressalta que é uma arte muito difícil de ser interpretada sem entender a sociedade e os valores sociais desse povo. A partir da compreensão dessa etnia e de seus valores sociais, torna-se mais fácil compreender a sua arte, uma vez que a arte reflete e descreve a estrutura social desse povo milenar. Porém, para entendê-los mais, plenamente, seria necessário um aprofundado estudo antropológico.

É importante ressaltar que, atualmente, os únicos remanescentes dos Mbayá já não usam mais as técnicas de batalhas para defender suas terras. Estes passaram a utilizar atividades artesanais, tais como, a produção ceramista, artesanatos e artefatos transmitidos pelas gerações de mulheres indígenas. Por outro lado, cabem aos homens as atividades de caça, coleta e manejo de gado. Neste cenário, são as mulheres as detentoras e transmissoras da arte e da cultura kadiwéu às jovens gerações, sendo elas as responsáveis por preservar e manter essa cultura milenar. Boggiani (1975) comenta, ainda, que um dos “modos de educar” as meninas era na confecção da arte da arte da cerâmica. As meninas acompanhavam as mães em todo o processo de coletar tinta, selecionar terra e aprendiam as “técnicas” de ser ceramista. Elas faziam pratos em formatos de galinhas, patos e outros elementos.

Registros comprovam que os kadiwéu passaram a utilizar a cerâmica após a Guerra do Paraguai, quando ocuparam a região do Pantanal. Vindos da região do Chaco Paraguaio, os Kadiwéu encontraram no Pantanal grande quantidade de matéria prima para o fabrico das peças artesanais de cerâmica.

Em relação à família linguística a que pertence a língua falada pelos Kadiwéu, estudos apontam que a língua falada por eles é oriunda da Família Linguística Guaikuru.

Registra-se que a linguagem dos Kadiwéu representa também uma arte, notadamente quando expressa nos cânticos das mulheres, nas músicas dos tocadores de flauta e tambor e nos rituais de danças. As cantigas tinham tanto a função de louvação a Deus, como a de ninar os filhos.

Considerações finais

Muito se tem falado e escrito sobre a cultura Kadiwéu. Espera-se, com este artigo, contribuir com o acervo a respeito da história e da arte desses valentes indígenas. As reflexões relatadas são oriundas do nosso olhar a partir da pequena parcela da cultura Kadiwéu com que tivemos contato e do muito que lemos a respeito. Assim, tentamos traçar um plano de trabalho que descrevesse, num primeiro momento, o panorama sócio-histórico e linguístico do povo Kadiwéu e a importância de sua arte para as futuras gerações.

Na sequência, arrolou-se o aporte teórico-metodológico que serviu de suporte para o trabalho e o material fotográfico que compõe o *corpus*. Além disso, relacionamos alguns estudos que abordam a arte e a cultura Kadiwéu, com vistas à divulgação dessa cultura.

Por fim, descrevemos traços do universo artístico da pintura Kadiwéu, a narratividade imagética dos desenhos representativos de sua arte e seus aspectos etnossemióticos.

Com relação aos objetivos descritos na proposta, verificamos que as pinturas corporais e faciais dos índios Kadiwéu têm características semelhantes aos traços que identificam a cultura e a arte milenar do povo Kadiwéu. Do ponto de vista linguístico-imagético, verificamos que os aspectos dos traços e da pintura Kadiwéu se assemelham, se identificam e se distinguem, por meio dos desenhos geométricos usados em cada contexto. Esses desenhos significam a cultura Kadiwéu e também servem para representar sua estratificação social.

Ao interpretar as fotografias, desenhos e imagens do acervo Kadiwéu que compuseram o *corpus* deste trabalho, comprovamos a grande importância dessas variáveis na composição dessa cultura secular.

Assim, foi possível constatar que as pinturas corporais dos índios kadiwéu têm características semelhantes aos traços que identificam essa etnia. Fato comprovado ao se verificar a predominância das cores vermelho, preto e branco nas pinturas do corpo e nos artesanatos. Além disso, os traçados utilizados nos desenhos geométricos identificam também seus costumes e mitos, revelando a força desse povo, mas também a beleza e a sensibilidade dos Kadiwéu, e, acima de tudo, demonstrando sua ampla criatividade.

Acreditamos que este trabalho, ao contribuir com uma pequena parcela de conhecimento sobre os Kadiwéu, possa compor acervo com outros já existentes sobre o universo cultural dos Kadiwéu do Mato Grosso do Sul e, deste modo, colaborar na produção de novos estudos sobre o tema.

Referências

- BARZOTTO, Leoné Astride. Violência e resistência: olhares oblíquos sobre a literatura de moçambique. 2009. In: BONNICI, Thomas. (org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: EDUEM. ISBN 978-85-7628-155-9
- BENELLI, Astrogilda. 2002. Simbologia das cores: um estudo semiótico. Assis-SP: UNESP (Dissertação de Mestrado).
- BOGGIANI, Guido. 1975. *Os caduveos*. Trad. Amadeu Amaral Júnior. Belo Horizonte-MG/São Paulo-Itatiaia/Edusp. ISSN 1861-1902
- BUENO, Elza Sabino da Silva Bueno; Jefferson Machado BARBOSA. 2014. Aspectos semântico-lexicais do vocabulário de curandeiros radicados na fronteira de Aral Moreira/MS – um estudo sociolinguístico. In: SOUZA, Antônio Carlos Santana de; Maria Leda PINTO. *Produção de texto oral e escrito: estudos e pesquisas da pós-graduação*. Curitiba/PR: Appris, p. 147-168. ISBN 978-85-8192-259-1
- COULANGES, Fustel de. 2007. *La Cité Antique*. Trad. de Jean Melville. A Cidade Antiga. São Paulo: Editora Martin Claret. www.martinclaret.com.br
- DINIZ, Maria Lúcia Vissotto Paiva. *Vozes da Bodoquena – análise etnossemiótica do discurso Kadiwéu*. Tese de Doutorado em Linguística/Semiótica. UNESP. 1998.
- ESPÍNDOLA, Sandra. *Breve estudo do português oral dos índios da reserva “Francisco Hora Barbosa”* – Dourados-M. Dissertação de Mestrado em Linguística. UNESP. 2002.
- GREIMAS, Algirdas Julien; Joseph COURTÉS. 2008. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto. ISBN 978-85-7244-316-6
- LÉVI-STRAUSS, Claude. 2007. *Tristes trópicos*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. 7ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN 978-85-7164-570-7
- OLIVEIRA, Dercir Pedro de. 2008. *ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*. Campo Grande – MS: UFMS. ISBN 978-85-7613-128-1
- RIBEIRO, Darcy. 1980. *Kadiwéu: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*. Petrópolis-RJ: Vozes. www.ensayistas.org/filosofos/brasil/ribeiro/biblio-de.htm
- SANTANA JR, Sílvio de. 2001. Reflexões sobre linguística, comunicação e semiótica. In: AZEREDO, José Carlos de. (org.). *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis-RJ: Vozes, p. 122-137. ISSN 3217-5400
- SANTOS, Constance Maria L. S. dos. 2008. Kadiwéu-representação discursiva e identidade: uma análise do discurso indígena. *ANAIS do CIELL – Congresso Internacional de Estudos Literários e Linguísticos*. Três Lagoas-MS: UFMS. ISBN 978-85-7613-144-1
- SCANDIUZZI, Pedro Paulo e COELHO, Sônia Regina. Simetrias e assimetrias no contexto do povo Kadiwéu. 2008. In: *Revista Latino-americana de etnomatemática*. 1 (2), p. 4-26. <http://www.etnomatemática.org/v1-n2-julio2008/ScandiuZZi-Regina.pdf>